

Nilton Silva Jardim Junior

*Maracatu Metálico:
influência de ritmos brasileiros na obra das bandas Angra e
Sepultura*

EM/UFRJ

2005

Introdução

Não é de hoje que o rock e os ritmos brasileiros flertam entre si num namoro cheio de altos e baixos, porém produzindo frutos extremamente saborosos e originais. Desde a Tropicália, passando por Raul Seixas – pioneiro em injetar a batida do baião no rock, vide Mosca na Sopa - , Jorge Ben Jor, Paralamas do Sucesso e Raimundos, temos uma tradição de mais de trinta anos e misturas, colagens, hibridismo e reinterpretações. Apesar de muitas vezes irregulares e de não ser uma tendência majoritária na cena nacional, essas fusões são uma verdadeira constante na história do rock nacional.

Mais recentemente, esta mistura conseguiu atingir patamares inimagináveis ao se fundir a tendências mais pesadas do rock como o *hardcore* e o *heavy metal*. Este último então teve resultado de uma verdadeira bomba pois, apesar de um estilo relativamente recente¹, é tido como um dos mais conservadores e “estrangeiros” dos diversos desdobramentos que o gênero teve; devido ao purismo de seus fãs. Pare se ter uma ideia, apesar de desde a Jovem Guarda existirem bandas brasileiras cantando rock em português, isto é uma raridade dentro do estilo e é uma exigência quase obrigatória dos fãs que as bandas cantem em inglês. Não bastasse este purismo em relação as letras, há toda uma cobrança para que as bandas se atenham aos determinantes estéticos e musicais do estilo, limitando o potencial criativo dos artistas. Porém, nos anos noventa duas bandas conseguiram explorar um universo até então desconhecido para estes ritmos, sem quebrar com os padrões “metálicos” conseguindo respeito da crítica especializada e dos fãs: Angra e o Sepultura.

Considerados, até hoje, dois dos maiores expoentes do metal nacional e as duas bandas que mais fazem sucesso no exterior (em especial na Europa e no Japão – no caso do Angra- e na Europa e nos Estados Unidos- no caso do Sepultura), as bandas souberam ousar como poucas, em momentos diferentes de sua carreira, porém cronologicamente semelhantes (o ano de 1996) lançaram álbuns inovadores e que foram marcos na sua carreira. Em ambos, os discos há uma preocupação em se explorar a brasilidade na música em especial pela percussão, uso de síncopes e, no caso do Angra, altas referências a música nordestina e indígena, no caso do Sepultura.

Este trabalho tem como objetivo ser uma análise do trajeto que a música brasileira percorreu nas carreiras dos dois grupos, fazendo uma análise de músicas de cada banda (Unhloy Wars, Holy Land, Nothing to Say, Never Understand e Caça & Caçador – do Angra- Ratamahata, Kaiowas, Refuse/Resist, Roots Bloody Roots e Attitude – do Sepultura). Pretendemos, também, entender através de uma análise do contexto histórico da época e das histórias dos dois grupos, o porquê ambos resolveram escolher o mesmo ano para lançar discos com uma proposta bem semelhante: explorar ao

¹ Apesar das primeiras bandas terem surgido no fim da década de 60 e início de 70, as principais que consolidaram o estilo remontam aos anos 80.

máximo a fusão de *heavy metal* com ritmos brasileiros. Para isso também estaremos nos apoiando no conceito de *mediascapes*, desenvolvido por Arjun Apadurai e apresentado a nós por Maria Elisabeth Lucas.

O trabalho ainda contará com *releases* oficiais retirados dos sites dos artistas, resenhas e matérias de sites especializados e revistas de guitarra, além de trechos e trabalhos acadêmicos e da biografia oficial do Sepultura. Esperamos assim lançar um pouco de luz sobre um assunto ainda pouco explorado pela musicologia e compreender um pouco tão inusitada mistura.

Por que 96?

É no mínimo instigante ver que ambas as bandas tiveram seus álbuns mais brasileiros (respectivamente Holy Land do Angra e Roots do Sepultura) lançados neste mesmo ano. Apesar das bandas serem de subestilos bem diferentes (o Angra um representante do *heavy* melódico e o Sepultura mais conhecido como uma banda de *thrash metal*) e com trajetória de vidas idem, seus dois trabalhos têm basicamente um elemento em comum: a fusão do *heavy* com a música brasileira através da ênfase na percussão e no uso de células rítmicas que sobressaíam a percussão.

Obviamente a maneira que a brasilidade foi explorada foi feita de forma diferente: enquanto o Angra (banda formada por representantes de classe média alta e músicos estudados) explorava mais elementos de música nordestina fundidos às tradicionais referências renascentistas e “wagnerianas” do *heavy melódico*; o Sepultura (formado por músicos auto-didatas e oriundos de classe média-baixa e que nunca tiveram em sua origem um treinamento mais profundo) vai buscar batidas mais tribais, chegando a fazer gravações com índios xavantes (nas faixas Itsári e Ratamahata, do álbum Roots) e com o músico baiano Carlinhos Brown (na mesma Ratamahata). Além deste aspectos sociológicos temos toda uma relação estético-musical pois, enquanto o *heavy* melódico exige muito de todos os seus integrantes dada a sua complexidade (obrigando um certo equilíbrio entre os músicos da banda); o *thrash* exige muito mais do baterista (o que justifica, não por acaso, o baterista Igor Cavalera ser o melhor músico do Sepultura e um dos mais respeitados bateristas do país) fazendo com que as coisas fiquem desniveladas.

Porém, mesmo assim ambos os discos vão ter uma semelhança inevitável em suas propostas, o que nos levam a perguntar o que estava acontecendo no momento que os levou a esta atitude. Para isto é necessário olharmos para a cena roqueira do Brasil nos anos 90, afim de compreendermos esta fusão.

De acordo com Silvio Essinger² no início dos anos 90 o rock vai começar a sofrer uma queda de vendas devido a uma crise econômica e criativa que se instaurava no país. Impulsionados pelo sucesso do Sepultura muitas bandas vão se limitar a gravar em inglês gêneros já solidificados no exterior. “Naquele início de anos 90, aumentava significativamente a circulação de informações sobre música (em 1990, a MTV estreava no Brasil com fatura de videoclipes internacionais), mas não a vontade do Rock Brasil de inovar.”³ Além disso, houve um acirramento da concorrência de outros gêneros, como o sertanejo, que ganhavam cada vez mais espaço. Isso se refletiu, de certa forma, num desinteresse cada vez maior de gravadoras e outros meios de buscarem bandas com propostas inovadoras. Mesmo o Skank, primeira banda a conseguir um êxito comercial significativo, não ia muito

² Essinger, S. Rock Brasil 2- 1985-2000. http://www.cliquemusic.com.br/br/generos/generos.asp?nu_materia=31

³ Essinger. *S op.cit.*

além da fórmula do *reggae* jamaicano e só conseguira apoio após a gravação de um bem-sucedido disco independente que chamara a atenção da Sony. Mesmo assim, faltava algo que desse uma nova cara ao rock dos anos 90 e que rompesse com os padrões musicais da época.

Essa situação vai começar a mudar a partir de 1993 graças a dois artistas: Chico Science e seu grupo Nação Zumbi; e a banda brasileira Raimundos. Ambos vão inovar graças a mescla de ritmos nordestinos ao rock, originando duas novas nomenclaturas: o *mangue beat* (de Chico Science e a galera de Pernambuco) e o forró-core (forro + *hardcore*, dos Raimundos). O primeiro, então, vai se constituir num amplo movimento mesclando “a música pop internacional de ponta (o rap, as várias vertentes eletrônicas e o rock neopsicodélico inglês) aos gêneros tradicionais da música de Pernambuco (maracatu, coco, ciranda, caboclinho etc.)”⁴ Esse movimento, graças a Chico Science e a galera do Mundo Livre S/A, vai chamar atenção da mídia conseguindo espaço em diversos meios e ganhar repercussão até no exterior, chamando a atenção para outras bandas da cidade e admiração dos artista da cena pop nacional. “Em 1993, seriam lançados, respectivamente, seus discos de estreia, *Da Lama ao Caos* e *Samba Esquema Noise* (título que logo denunciou a influência de Jorge Ben – seu disco de estreia se chamou *Samba Esquema Novo* – sofrida pelo Mundo). Com as músicas *A Cidade* e *A Praia*, bem-engendradas fusões de rap com maracatu, a Nação saiu à frente em termos de reconhecimento popular – isso, apesar de os dois discos terem sido igualmente muito bem recebidos pela crítica musical de todo o país.”⁵ Para se ter uma ideia o segundo disco do Nação Zumbi (e último com Chico Science, que morreria num acidente de carro em 1997- mesmo ano da saída de Max Cavalera do Sepultura) contava com participações de Max Cavalera, Gilberto Gil e Marcelo D2 (Planet Hemp).

Caminho um pouco diferente tiveram os Raimundos. Ao contrário de fazerem parte de um amplo movimento, seu *forrocore* se constituía na simples denominação que os amigos de vizinhança deram ao seu som. Fãs de Dead Kennedys e Ramones, mas também ligados a cultura nordestina (o ex-vocalista Rodolfo é de família paraibana e a banda era fã do sanfoneiro Zenilton, que participou do seu primeiro disco, e de suas letras irreverentes); eles começaram aos poucos chamar a atenção da mídia conseguindo gravar seu primeiro disco em 1993 pela Banguela Records (selo feito pelos Titãs e com distribuição da WEA que contava em seu *cast* como Mundo Livre S/A também). A banda logo atraiu os olhares para si graças ao seu som pesado e original, mesclando sons e ritmos de forró com a batida e distorção do *hardcore*, tudo isso misturado a letras recheadas de palavões, referências a sexo e

4 Essinger.S. Mangue Beat: O pop da parabólica enfiada na lama.
http://www.cliquemusic.com.br/br/generos/Generos.asp?Nu_Materia=13

5 Essinger.S. Mangue Beat: O pop da parabólica enfiada na lama.
http://www.cliquemusic.com.br/br/generos/Generos.asp?Nu_Materia=13

maconha. Posteriormente este lado mais “nacionalista” da banda foi abandonado, pois os mesmo achavam que isso “passou a limitar o som do grupo (já que se esperava algo com metade rock e metade forró), eles preferiram passar a denominar o estilo como sendo apenas 'rock pauleira!'.” 6

De qualquer forma podemos ver que havia, de uma certa forma, todo um cenário propício na época a que se tentassem misturas inusitadas de rock e ritmos brasileiros. O próprio sucesso dos grupos de Recife é um excelente indicador dessa tendência. Paralelo a isso, podemos colocar a própria inquietação artística de estar se buscando sempre algo de diferente.

Em diferentes depoimentos, dos mais diversos, tivemos a oportunidade de ver da parte de críticos e músicos o problema de estagnação que o *heavy metal* sofre. São deveras comuns, no meio musical, as queixas ao conservadorismo do estilo e o radicalismo dos fãs que, em geral, não são muito afeitos a inovações. Isso muitas vezes, pode acarretar críticas de fãs mais ardorosos aos “traidores” do estilo (vide a banda Metallica, que até hoje é criticada pelos novos rumos que deu a sua carreira a partir dos anos 90). Porém, o que muitas vezes pode servir como um empecilho se torna um estímulo ao ser encarado como um desafio a ser vencido. E parece que foi o caso do ocorrido com as duas bandas. No caso do Angra existe ainda o fato de ser uma banda inciante buscando espaço num mercado relativamente saturado cheio de bandas semelhantes entre si, visando os mercados da Europa e Japão. Neste caso o fator “brasilidade” vai ser um diferencial que vai favorecer a banda, abrindo uma série de portas para a carreira internacional. O álbum Holy Land vai ser o marco fundamental para esta fase mais globalizada na banda, principalmente na França, onde eles chegaram a gravar um EP ao vivo (Holy Live, 1997)

Outro fato curioso é que ambas as bandas vão dar preferência a ritmos com marcada predominância rítmica e de forte base percussiva como o baião e o maracatu (no caso do Angra), e o Olodum e ritmos indígenas (no caso do Sepultura). Esta busca por uma identidade brasileira através de ritmos quase folclórico e com esta predominância nos remete a algumas questões levantadas por Elizabeth Lucas em seu artigo “ Wonderland Musical - Notas sobre as Representações da Música Brasileira na Mídia Americana”⁷ de uma certa isto estaria ligado a todo uma *mediascape* que se faz da música brasileira. De desenvolvido pelo pesquisador Arjun Pappadurai tal categoria “referem-se tanto a disseminação em escala mundial das possibilidades de produzir informações por meios eletrônicos, quanto das representações sociais criadas por estes meios, provendo um imenso e complexo repertório de imagens, narrativas e paisagens étnicas reelaboradas heteroclitamente por audiências mundo afora”⁸

6 Ribeiro, R. Biografia e Informações- Raimundos. <http://whiplash.net/bandaslist.mv?cod=raimundos>

7 _____ Lucas: 1996. <http://www.sibetrans.com/trans/trans2/lucas.htm>

8 Lucas: *op. Cit.*

Mais do que isso *mediascapes* são uma série de narrativas que se desdobram sobre outras e são produzidas tanto por indivíduos quanto por Estados, visando fazer um recorte da realidade. Escrevendo num momento em que a música brasileira estava em voga no Estados Unidos (mesmo ano em que estas obras em questão foram lançadas), a pesquisadora utiliza-se deste conceito para analisar as representações que se faz acerca da nossa música nos meios de comunicação americanos. Partindo deste conceito, que consiste de uma redução que se faz a uma plateia global sobre uma determinada cena (neste caso nossa produção musical), ela vai ver que a imagem que se faz acerca dessa produção é justamente uma música marcadamente rítmica e com fortes elos com a África. Nestas imagens recortadas de periódicos americanos e, muitas vezes, contando com a legitimação de músicos brasileiros, vemos uma imagem negativa do *rock* nacional e uma outra deveras positiva do nordeste (em especial da Bahia) como o berço da genuína música brasileira. Uma imagem que, conforme a mesma atenta, reflete o mito formador das três raças e os conceitos de autenticidade musical de Mário de Andrade. É no mínimo curioso vermos que ambos, Sepultura e Angra, vão buscar uma sonoridade bem próxima destes *mediascapes* e noções de “brasilidade” apontados acima. Os próprios irmãos Cavalera (em especial o baterista Igor, que começou tocando na bateria da torcida Mancha Verde) vão se dizer empolgados com os tambores afro-baianos do Olodum⁹. Na parte do Angra, o guitarrista Rafael Bittencourt já trabalhou com Oswaldo Montenegro e todos os membros revelaram em momentos diferentes terem um elo ou outro como a música brasileira, nem que seja por influência dos pais.

Podemos assim concluir que tal escolha de misturar *heavy* e ritmos nacionais se deve a, basicamente três razões: 1- busca de novos elementos para um estilo considerado limitado, 2-influência de um todo um panorama mediático no rock nacional que favorecia a esse mistura; 3-inserção dentro de um *mediascape* legitimado no Brasil e no exterior que vai orientar quais os ritmos a se escolher e o como misturar. Obviamente as bandas vão trabalhar de diferentes formas e obter diferentes resultados. Sobre estes é o que trataremos no tópico a seguir.

9 Barcinski: Chaos A.D., 1999.

Dissecando a fórmula

Mesmo buscando ritmos que tenham marcadamente uma influência percussiva/rítmica maior e notadamente ligados ao nordeste, essas experiências vão produzir resultados diferentes. Sem dúvida, das duas bandas a que trabalhou melhor esta mistura fora o Sepultura, produzindo obras onde se pode ver os diversos elementos de *heavy metal*, rock industrial, música brasileira e até cânticos indígenas explorados com coerência durante a peça inteira. Já o Angra, apesar de ser uma banda com músicos de indubitável gabarito técnico em ambas as formações, vai ter maior dificuldade para trabalhar estes elementos. Boa parte das músicas deles se nota uma quebra brusca entre uma parte mais nordestina e uma parte *heavy*, por vezes caindo no *speed metal*. O equilíbrio entre as duas partes só conseguiu ser atingido em duas músicas: Holy Land, faixa-título do disco de 1996; e Hunters and Prey¹⁰, faixa-título do EP de 2001, já com a nova formação.

Sepultura:

1- Refuse/Resist:

Faixa de abertura do álbum Chaos A.D. (1994) ela faz parte de um período onde a banda estava morando fora do país e, ironicamente, começou a se voltar mais para a nossa realidade. Período onde, pela primeira vez, membros da banda admitiam estar gostando de música brasileira (mais precisamente os batuques afro-baianos do Olodum e o Mangue Beat de Chico Science & Nação Zumbi¹¹). Nesse período o Sepultura também estava se interessando por sons industriais como Ministry e Nine Inch Nails¹², além de estar decidido a explorar outros horizontes musicais além do *thrash metal*. É desse caldo que emerge Refuse/Resist, primeira experiência da banda mineira com ritmos brasileiros. Nessa primeira tentativa o que vemos é uma introdução “chamado-resposta” dos bumbos em conjunto com as guitarras (chamado) e uma resposta de tambores agudos (provavelmente um timbale ou rotonton), num esquema já consagrado tanto pelo Olodum quanto pelas escolas. Presente nos primeiros onze segundos da música e retornando no final, este são os únicos elementos musicais brasileiros desta peça.

2- Kaiowás:

Outra faixa do Chaos A.D., esta música foi feita em homenagem a uma tribo brasileira que cometera suicídio coletivo em forma de protesto. Esta é praticamente uma música instrumental com apenas alguns gritos dados por Max. Podemos dividi-las em duas partes: uma tribal (0:00-2:23) com

¹⁰ Aqui analisamos a versão em português, Caça e Caçador.

¹¹ No disco Afrociberdelia (segundo da banda e último de Chico Science) o então vocalista Max Cavalera participou da música Sebosa Soul, parceria dele com Chico Science

¹² bom exemplo disso é a participação do engenheiro de som Andy Wallace (que já trabalhou com a banda *nu-metal* Korn) na produção deste álbum, e os timbres de guitarra que estão bem diferentes..

um ritmo mais marcado, lembrando alguns ritmos ameríndios, acompanhados por violões e cordas; e uma parte mais brasileira (2:24-3:41) que começa com um berimbau, com os violões acompanhando. Depois os violões tocam um tema de música nordestina e sobre um batida bem semelhante a um baião ou roda de capoeira. A música se encerra com uma levada forte de vários instrumentos percussão.¹³

3- Roots Bloody Roots:

Faixa de abertura do cd Roots, onde a banda dedicou-se a explorar este hibridismo ao máximo. Nesta o único elemento de música brasileira presente são as viradas de timbales que aparecem a partir dos 42 segundos de música. Na verdade ela funciona mais como um manifesto e abertura para o disco e o que vem a seguir .

4- Ramahata

Quarta faixa do cd, ela abre com um cântico xavante (0:00-0:12) para em seguida dar lugar aos timbales de Carlinhos Brown, aos 30 segundos entra a guitarra e aos 40 o resto da banda, A música é toda entrecortada com as batidas de Carlinhos Brown que também divide os vocais com Max Cavalera, cantando em português. A música ainda tem um retorno dos xavantes (3:10) e se encerra com vibratos de guitarra e viradas de timbale.

5- Attitude

Segunda peça deste mesmo álbum, é praticamente uma convenção internacional de influências musicais. Começando com um berimbau (0:00-0:21), a música tem um *fade in* de guitarra (0:22), para depois entrar uma bateria eletrônica e as 57 segundos entra a banda com uma bateria normal, e aos 1:18 minutos a bateria vai fazendo uma variante da síncope característica (colcheia-semicolcheia-colcheia). Esta levada (que a guitarra e o baixo praticamente dobram) vai ser a base principal de toda a música. Aos 1:47 entra um tema mais *heavy* e aos 1:58 retorna ao tema mais sincopado. Disparado a música que melhor trabalha a diversidade rítmica que influenciava o Sepultura neste momento, ela carrega partes de música brasileira, rock industrial e o *thrash* característico da banda. Assim como *Cutthroat*, entre outras, esta peça sintetiza praticamente tudo o que cercava o Sepultura neste momento e mantém-se fiel ao espírito do álbum. Depois da saída de Max a banda não fez outros experimentos desta ordem, não que ela tenha voltado ao *thrash* mais tradicional. Porém, não voltou a fazer hibridismo entre *metal* e música brasileira como foi neste disco. Este caminho vai ser continuado por

¹³ Nos shows os *roadies* e banda inteira tocam vários tambores para fazer este final.

Max em sua banda Soulfly, que também terá nítidas influências de *nu metal*¹⁴.

Angra:

6- Never Understand:

Faixa do cd de estreia (*Angels Cry*) do grupo paulista e única que trabalha com música brasileira, ela serve como uma amostra do que eles trabalhariam em álbuns posteriores. Ela se inicia com um tema extraído de *Asa Branca* (0:00-0:48) tocado sobre um ritmo de baião feito pelo baixo e a bateria. Este tema e o ritmo se repetirão em diversos momentos da música (como nos trechos 1:81-2:05 e 2:47-3:13). Porém, a peça bruscamente muda em diversos momentos para um *speed metal*¹⁵ (2:05-2:19 e 3:14-3:40, 5:00-6:06) e termina com um duelo de guitarras (6:19) construído sobre um ritmo de baião.

7- Nothing to Say

Esta é a faixa de abertura do cd *Holy Land*, cd que abriu as portas da banda para o mercado internacional (principalmente a França e o Japão) e o disco no qual a banda se dedicou a trabalhar a mistura baião + *heavy metal*. A música começa com uma levada de baião, feita na corda Mi mais grave da guitarra, acompanhada pela bateria (0:00-0:34). Depois de uma “paradinha” (0:35) no melhor estilo Escola de Samba, a música vira um *speed*, só retornando ao tema inicial nos 4:35 acompanhado de *bends* de guitarra. Assim como outras como *Carolin IV* e *Z.I.T.O.*, ela possui problemas de coerência entre as partes mais metálicas e mais brasileiras, onde as últimas parece que viraram mais meras citações dentro das primeiras.

8- Holy Land

Música-título do cd, é a que melhor soube trabalhar esta mistura. Iniciada como chocalhos e pau-de-chuva (0:00-0:16), estes são sucedidos por um tema de baião executado no piano (0:17) que se mantém constante na música. Aos poucos são adicionados pífanos e chocalhos (0:36), para depois entrar o vocal (0:56), construído sobre uma melodia bem corriqueira na música nordestina. Mesmo depois da entrada das guitarras, baixo e bateria (2:06), a proposta continua bem coerente, com a música construída toda sobre uma batida de baião. Não bastasse isso ainda pode-se haver pífanos no sintetizador, num solo bem nordestino nos 5:24 e até triângulo ao fundo. Depois desse álbum a banda não vai fazer mais discos com esta proposta. No álbum seguinte (*Fireworks*, 1998) eles abandonaram

¹⁴ esta uma das grafias para a mistura de rap, rock alternativo, rock pesado e efeitos eletrônicos de bandas como *Kron* e *Limp Bizkit*, também conhecida como *new metal*, *neo metal* ou *alterna-metal*.

¹⁵ Antigamente usado como um sinônimo para *thrashmetal*, *speed metal* é uma forma de se referir a músicas de *heavy* que possuem a batida extremamente acelerada, como a bateria fazendo uma 4/4 acima das 150 b.p.m e a guitarra acompanhando. Esta forma de compor têm sido muito utilizado por bandas de *heavy* tradicional e *heavy* melódico.

por completo esta ideia só indo retomá-la em uma música no disco seguinte.

9- Unholy Wars

Extraída de *Rebirth*, primeiro com a nova formação do Angra, é a única peça que trabalha mistura música nordestina e *heavy*. Começando com um canto do grupo Woyekê (0:00-0:20), aos 0:25 inicia-se um tema de maracatu com acompanhamento de guitarra de outros instrumentos da banda. Aos 1:30 a música vira um *speed*, para retornar ao tema inicial aos 7:20, encerrando a música.

10- Caça e Caçador

Versão em português da faixa-título do Ep *Hunters and Prey* (2002) é disparada a música que melhor explorou a complexa mistura em toda a carreira da banda. Ela começa com uma introdução de um tema de frevo em ré feito na guitarra (0:00-0:21), acompanhado de um pandeiro tocando baião. Em seguida entre os outros instrumentos da banda, acompanhando o tema com uma levada de baião. Aos 43 segundos entre um novo tema feito pela guitarra, com um triângulo ao fundo. para aos 1:43 a guitarra fazer um baião também.¹⁶ Aliás, como exceção do pré-refrão e alguns poucos momentos, a banda inteira se mantém tocando um baião explorando diversos elementos do *heavy*, como dobras de guitarra em terça (aos 3:54 uma precursão baião acompanha uma dessas dobras), e até dobras de guitarra com sintetizador (aos 4:40 a banda inteira toca um tema baião com o sintetizador dobrando usando som de pífanos). Sem dúvida nesta música o grupo mostrou que conseguira amadurecer suas tentativas iniciadas em 1996, mesclando com perfeição elementos do característicos do seu estilo com o baião e o frevo, dando um sabor totalmente novo a um estilo musical que volta e meia é atacado como ultrapassado e conservador.

Anexo I : *release* Angra

ANGRA quer dizer “deusa do fogo” na mitologia tupiniquim, além de significar uma pequena enseada ou baía usada como porto natural. E esse foi o nome escolhido para a banda de heavy metal com influências clássicas formada em 1992 na cidade de São Paulo por Kiko Loureiro (guitarra), Rafael Bittencourt (guitarra), Luís Mariutti (baixo), André Matos (vocal) e Marco Antunes (bateria).

O quinteto ficou praticamente um ano ensaiando para, em seguida, lançar sua primeira demo tape, intitulada *Reaching Horizons*, ainda em 92. No ano seguinte, o ANGRA teve oportunidade de gravar seu primeiro CD, *Angels Cry*, que obteve ótima repercussão tanto no Brasil como no exterior graças à

¹⁶ Estas duas partes serão repetidas no final da música também.

inteligente mistura de peso, influências clássica e melodia que marcava o som da banda. Pouco antes das gravações de Angels Cry, Marco Antunes deixaria a banda, o que fez com que a bateria fosse gravada por Alex Holzwarth. Em seguida, Ricardo Confessori assumiu as baquetas do ANGRA.

Depois de passar o ano de 1994 excursionando pelo Brasil, o ANGRA iniciou as gravações de seu novo álbum em 95. Holy Land, lançado em 96, é o disco que traz à tona diversas influências brasileiras, sem, no entanto, deixar de lado o peso e a técnica do heavy metal. Isso valeu à banda ainda maior reconhecimento internacional, culminando em shows por diversos países europeus, como Itália, França e Grécia, além de dar ao grupo mais um disco de ouro no Japão. No início do ano seguinte, o ANGRA faria sua primeira tour no Japão, um dos países em que o quinteto é mais popular. Como consequência de tantos shows bem sucedidos, é lançado, em 97, o EP Holy Live, com quatro faixas ao vivo gravadas em Paris. Vale lembrar ainda que o ANGRA fez a abertura para o AC/DC no show de São Paulo e também teve o clipe da música Make Believe indicado para o MTV Video Music Awards de 97, acabando como um dos mais votados.

O ano de 1998 marca o início de mais uma produção do ANGRA. Com Chris Tsangarides na produção (que trabalhou, entre outros, com Helloween e Judas Priest), a banda antecipa seu próximo álbum com o single de três músicas Lisbon, lançado em julho daquele ano. O álbum completo, intitulado Fireworks, sairia em setembro do mesmo ano e mostraria uma banda menos voltada para os ritmos brasileiros e mais dedicada ao heavy metal.

Depois disso, a banda passaria por uma grande reformulação. Com a saída de André, Ricardo e Luís, ingressaram no ANGRA, no início de 2001, Aquiles Priester (bateria), Edu Falaschi (vocal) e Felipe Andreoli (baixo). A seleção dos novos músicos envolveu critérios rigorosos, sendo que os três novos integrantes foram escolhidos em função de suas experiências anteriores, da técnica apurada e do perfeito entendimento musical e pessoal que surgiu logo após os primeiros ensaios.

Assim, após muita expectativa, o ANGRA voltou às atividades em grande estilo no ano de 2001 com o lançamento mundial do disco Rebirth no mês de outubro. O nome do álbum, que significa “renascimento” em português, remete à nova fase vivida pela banda a partir do 1º semestre daquele ano. Gravado no Brasil e na Alemanha pelo renomado produtor Dennis Ward, Rebirth conquistou de imediato a crítica e o público do Brasil e do mundo por se tratar de um dos discos mais vibrantes dos últimos tempos, já que mostrou que o ANGRA não abriu mão do estilo que o consagrou e o elevou à categoria de banda única dentro do superpopuloso ambiente do heavy metal melódico.

A partir daí, o quinteto ingressou num intenso processo de divulgação do disco, fazendo shows em

várias capitais brasileiras (e quebrando recordes de público em quase todas elas) e na América do Sul, culminando com um show na casa Via Funchal, na cidade de São Paulo, no dia 15 de dezembro. A apresentação do quinteto foi cercada de uma cuidadosa produção, com vários detalhes como efeitos pirotécnicos e iluminação requintada que surpreenderam a platéia. Nesse mesmo show, diante de um público que praticamente lotava as dependências da casa, o ANGRA recebeu Disco de Ouro por ter alcançado vendas superiores a 50 mil cópias no Brasil, já que se trata de artista considerado internacional pelo mercado fonográfico. Em menos de dois meses, *Rebirth* já tinha atingido o expressivo número de 100 mil cópias vendidas em todo o mundo.

Em janeiro a banda voltou ao estúdio, novamente sob o comando de Dennis Ward, para gravar o mini-álbum *Hunters And Prey* e a música *Kashmir* para um tributo ao Led Zeppelin. Logo após as gravações, a banda ainda participou de um show ao ar livre em comemoração ao aniversário da cidade de São Paulo, no dia 25 de janeiro, realizado no Center Norte, e que contou com um público de cerca de 12 mil pessoas.

Depois de participar de inúmeros programas de rádio e de TV (com destaque para uma aparição no “Altas Horas”, da Rede Globo, e o “Musikaos”, da TV Cultura), o ANGRA finalizou a edição do primeiro vídeo clipe do disco *Rebirth*. A música escolhida foi a faixa título e o clipe tem como base as imagens gravadas no show acima citado, realizado em São Paulo.

Enquanto isso, o ANGRA via surgirem os resultados de todo esse trabalho ao ser aclamado por praticamente toda a imprensa especializada do Brasil nas tradicionais votações dos leitores de “Melhores de 2001”, além de receber considerável votação também dos leitores da imprensa internacional, especialmente no Japão, naquela que é considerada uma das maiores publicações do gênero de todo o mundo, a revista *Burrn!* (veja resumo anexo).

Já no mês de março, a banda embarcou para mais uma turnê pela Europa. Foram 18 apresentações em sete países – Itália, Alemanha, França, Espanha, Holanda, Bélgica e Suíça – , sempre contando com o *Silent Force* como banda de abertura. Como saldo, a banda viu acontecer uma repetição do que já tinha ocorrido na América Latina, ou seja, uma repercussão altamente positiva. Os novos integrantes foram muito bem recebidos pelo público europeu e mostraram entrosamento invejável em cena. Por tudo isso, o ANGRA realçou sua posição de destaque no continente europeu.

De volta ao Brasil, no início de abril foi retomada a turnê sul-americana, com três grandiosos shows no interior de São Paulo que totalizaram público de cerca de 5 mil pessoas. Em paralelo, novos produtos com a marca ANGRA chegaram ao mercado. Um deles é o *songbook* de

Rebirth, com as partituras e tablaturas para guitarra de todas as músicas do disco. O livro, de 116 páginas, traz ainda um glossário explicando as principais figuras utilizadas nas tablaturas, facilitando sua utilização por músicos ainda pouco familiarizados com essa simbologia. Também foi lançada em edição limitada produzida pelo fã-clube do ANGRA uma fita VHS com cerca de 80 minutos de duração trazendo o show que a banda realizou no Rio de Janeiro e cenas extraídas dos arquivos pessoais dos músicos da banda.

Em maio, foi lançado o mini-álbum Hunters And Prey, que, a exemplo de Rebirth, tem arte de capa assinada pela artista plástica portuguesa Isabel de Amorim. O disco conta com oito músicas e mais uma faixa interativa, com o clipe da música Rebirth. Dentre as músicas, encontram-se novas composições, versões acústicas, um cover para a música Mama, do Genesis, e uma versão da música Hunters And Prey com letra em português, que recebeu o título de Caça e Caçador.

E antes de embarcar para mais uma empreitada internacional, a banda gravou uma versão heavy metal e um clipe da música Pra Frente Brasil. O vídeo foi exibido pelo canal esportivo SporTV durante a Copa do Mundo de 2002 e continua sendo veiculado no canal Multishow.

Em junho a banda esteve mais uma vez no Japão, onde fez cinco apresentações nas cidades de Nagóia, Tóquio, Osaka e Hiroshima entre os dias 19 e 24. Os shows, ocorridos na mesma época da campanha vitoriosa da Seleção Brasileira na Copa, obtiveram enorme sucesso junto ao público, como sempre acontece quando o grupo toca por lá. Antes, no dia 14, o ANGRA foi a primeira banda de heavy metal sul-americana a se apresentar em Taiwan, em um show inesquecível na cidade de Taipé.

Toda essa repercussão refletiu, naturalmente, no Brasil, onde o ANGRA teve grande exposição na mídia. Várias rádios, como 89FM e Brasil 2000 (São Paulo), FM98 (Belo Horizonte), Cidade (Rio de Janeiro) e Cidade e Transamérica (Recife), dentre várias outras, incluíram músicas do quinteto em sua programação. Também na TV o grupo teve ampla exposição, como nos programas Zapping Zone (Disney Channel, do qual participou duas vezes), Pirata Urbano (AllTV, no qual o bateu recorde de audiência do programa e ganhou uma reprise na semana seguinte), “Jô Soares” e uma nova participação no “Altas Horas”.

No segundo semestre, o ANGRA participou com destaque de dois dos principais festivais de verão europeus. O grupo tocou no dia 27 de julho no Rock Machina, na Espanha, e, no dia 2 de agosto, no tradicional Wacken Open Air, na Alemanha, em apresentações consagradas. Na volta, a banda prosseguiu em sua maratona de shows, se apresentando em diversas cidades brasileiras e visitando outros países sul-americanos como Equador e Colômbia. E em novembro, a

banda quebrou mais uma barreira ao finalmente se apresentar pela primeira vez nos Estados Unidos e no Canadá.

Com um show para cerca de 7 mil pessoas no Credicard Hall em dezembro de 2002, o grupo promoveu o lançamento do CD ao vivo e do DVD “Rebirth World Tour Live In São Paulo”, coroando o encerramento da turnê mundial, que totalizou mais de 100 shows realizados no Brasil, América Latina, América do Norte, Europa e Ásia. O resultado de todo esse trabalho refletiu-se nas vendas: a primeira tiragem do CD, em embalagem digipack, teve suas 15 mil cópias totalmente vendidas, assim como a primeira edição do DVD, com 10 mil cópias, que também esgotou-se rapidamente e alcançou a marca de 3º DVD mais vendido do Brasil através do site Som Livre.

Fizeram parte do fecho da turnê mundial três grandes festivais de verão europeus, Viña Rock (Espanha, no dia 3 de maio), Sweden Rock (Suécia, 7 de junho) e Gods Of Metal (Itália, 8 de junho), nos quais a banda teve oportunidade de mostrar sua performance para dezenas de milhares de fãs. Na Espanha, eles se apresentaram em um festival aberto a diversos estilos musicais, atraindo, assim, a atenção de um público muito mais eclético. Já o festival sueco é considerado um dos maiores e mais bem organizados do mundo, apresentando desde novos e velhos talentos do cenário do rock pesado. E o italiano, como o nome diz, sempre apresenta os principais nomes do heavy metal mundial. Finalizando a tour, o ANGRA foi a atração principal do Festival Pop Rock, considerado o maior evento do gênero no Brasil, realizado em 9 de agosto, em Belo Horizonte. A banda foi a mais votada para participar do festival em escolha promovida junto aos ouvintes da FM 98 daquela cidade.

E, em paralelo a tudo isso, Edu, Rafael, Kiko, Aquiles e Felipe tiveram a oportunidade de também se dedicar a outra atividade que sempre marcou a atuação dos músicos do ANGRA: a realização de clínicas, workshops e aulas. Os cinco são constantemente convidados a transmitir seu conhecimento, tanto no Brasil como no exterior, o que faz com que o ANGRA sirva de influência para diversos estudantes de música e grupos iniciantes. Esses eventos, realizados de maneira informal e didática, fazem com que o ANGRA seja ainda mais respeitado em todos os locais onde se apresenta, sendo comuns, inclusive, os convites para que seus músicos visitem escolas de música durante suas turnês internacionais.

Na condição de músicos consagrados, os integrantes do ANGRA também estão popularizando seu conhecimento através de vídeo-aulas. Kiko Loureiro, por exemplo, acaba de lançar duas fitas, “Os Melhores Solos e Riffs do Angra” e “Técnica e Versatilidade”, enquanto que Felipe Andreoli acaba de estreiar nesse formato com o vídeo “Angra Bass”. Já a editora japonesa Prime Direction está lançando

mais um songbook da banda, contendo as tablaturas e as partituras de todos os instrumentos das músicas do álbum “Rebirth”. O livro está saindo apenas no Japão, numa edição luxuosamente encadernada. O ANGRA ainda teve sua biografia com foto publicada na enciclopédia “Power Metal”, da série RockDetector, lançada pela Cherry Red Books, da Inglaterra. Kiko também foi destaque de capa de uma edição especial da revista japonesa Young Guitar, com direito a chamada em português, “Mate-se de Praticar”, além de participar do CD da banda Blezqi Zatsaz, do tecladista Fábio Ribeiro, tocando em cinco faixas. Edu Falaschi, por sua vez, gravou as músicas “Pegasus Fantasy” e “Blue Forever”, que fazem parte da versão brasileira da trilha sonora do desenho animado “Cavaleiros do Zodíaco”.

Além disso, o ANGRA foi um dos artistas escolhidos para comemorar os trinta anos do programa “Esporte Espetacular”, da Rede Globo. O quinteto regravou o tema de abertura do programa, dando a ele uma “interpretação metal”, cheia de peso, técnica e feeling, características que justificam a fama mundial da banda.

Desnecessário dizer que a banda e seus integrantes novamente receberam votações maciças na escolha de melhores de 2002 promovida pela imprensa especializada junto a seus leitores. Dessa forma, consolidando-se como um dos principais nomes do heavy metal mundial, o ANGRA finalmente está iniciando o trabalho de composição e pré-produção de seu novo disco de estúdio, a ser lançado no início de 2004.

Anexo II: *release* Sepultura

Quando a maldição foi lançada, poucos imaginavam que aqueles despreziosos garotos iriam voar tão longe. Como muitos sabem o SEPULTURA nasceu como uma brincadeira no começo dos anos 80 na cidade de Belo Horizonte. Mas o destino foi generoso, e não brincava, quando colocou no caminho do metal Paulo Jr. (bx), Jairo Guedez (g), Max (g) e Igor Cavalera (bt).

O Death Metal Brasileiro ainda engatinhava quando o SEPULTURA lançou sua primeira gravação, o famoso split álbum BESTIAL DEVASTATION/SÉCULO XX (85), dividido com os conterrâneos mineiros do OVERDOSE. Músicas extremas como ‘Bestial Devastation’ e ‘Antichrist’ mostravam à que vinha a banda, e começava a crescer uma legião de fãs pelo Brasil. Após este primeiro passo, foi inevitável ao SEPULTURA realizar a grande experiência musical da banda de metal surgida do nada, um disco próprio.

E nasceu MORBID VISIONS (86), um álbum memorável, apesar da produção precária. Como na

gravação anterior há bons riffs e músicas, um exemplo é o hino 'Troops of Doom'. O disco proporcionou o começo dos shows pelo Brasil, mas também a despedida de Jairo Guedez.

O SEPULTURA crescia com uma velocidade sem precedentes na cena brasileira. E conseguiram sem demora preencher a vaga deixada por Jairo, com o excelente músico Andreas Kisser, dotado de um estilo inovador e arrojado. Foi em seguida lançado SCHIZOPHRENIA(87), um álbum cheio de gás novo que logo tornou-se um marco do metal brasileiro devido á boa produção e músicas marcantes ('Escape to the void' e a instrumental 'Inquisition Symphony', entre outras). Em turnê, a banda foi escalada para tocar em lugares de difícil acesso, como Manaus no Amazonas.

A partir deste ponto o SEPULTURA passou a despertar interesse mundial. O furor provocado pelo SCHIZOPHRENIA fez com que houvesse um lançamento pirata do disco por uma gravadora européia, que chegou á inacreditável marca de 30.000 cópias vendidas (porém sem a banda poder usufruir dos direitos autorais).

Após a boa repercussão do disco de 1987, o SEPULTURA continuou a galgar os degraus da fama, assinando um contrato de longos anos com a gravadora Holandesa RoadRunner. Isso possibilitou à banda gravar aquele que veio a ser um dos discos mais respeitados da história do metal mundial. BENEATH THE REMAINS(89), é até hoje uma grande referência. Foi gravado no Brasil, e apesar do orçamento apertado trouxeram o produtor norte-americano Scott Burns. Ele foi uma peça fundamental devido á sua experiência. Proporcionou condições favoráveis de trabalho para a banda e os ensinou a trabalhar como profissionais, passando informações valiosas aos músicos iniciantes. O produtor mixou e masterizou o trabalho em sua terra natal, algo inédito para uma banda de metal brasileiro na época.

Lançado o disco o SEPULTURA partiu para sua primeira turnê internacional, viajando pela Europa junto com os alemães do Sodom, Estados Unidos, e México. A banda chamou atenção por onde passou e seu nome despontou na mídia mundial. Nesta turnê encontraram uma de suas fontes de inspiração, Lemmy Kilmister e seu Motörhead, cruzaram o muro de Berlim ainda na época da guerra fria, e até conheceram o Metallica (banda muito forte na época). Foi gravado nesta época o primeiro vídeo clipe do SEPULTURA, 'Inner Self ', que tal qual 'Mass Hypnosis' e 'Beneath the Remains', tornou-se um clássico da banda.

A história continua com o disco ARISE (91). Curiosamente ele foi lançado antes no Brasil devido ao

festival Rock in Rio II, no qual o SEPULTURA foi um dos destaques. Esta versão antecipada leva o título ARISE ROUGH MIXES.

Logo a apresentação no Rio a banda promoveu um show gratuito em São Paulo na praça Charles Müller em frente ao estádio do Pacaembu. A audiência de aproximadamente quarenta mil pessoas mostra a força que o SEPULTURA já possuía. Infelizmente algumas pessoas confundiram o espírito de confraternização dos fãs, e um rapaz foi assassinado. Esta fatalidade criou um falso mito sobre o público da banda, que repercutiu por muitos anos negativamente fazendo com que muitos produtores de shows Brasileiros temessem marcar shows com o grupo.

No exterior, por sua vez, a turnê do ARISE foi longa e passou por lugares longínquos e inéditos como Grécia e Japão. Na Austrália foi lançado um dos primeiros singles oficiais da banda, o 'Third World Posse'. Outros singles deste álbum são 'Under Siege' e 'Dead Embryonic Cells'.

Na Holanda tocaram estrearam em um festival internacional de grande repercussão, o 'Dynamo Open Air', para mais de trinta mil pessoas. E atraíram mais de 100.000 fãs, nas duas apresentações feitas em estádios, quando estiveram na Indonésia. Lá também foram premiados com fitas cassetes de ouro pelas excelentes vendas.

Gravaram os clipes de 'Arise' e 'Dead Embryonic Cells', e lançaram seu primeiro home-vídeo, 'Under Siege', que foi gravado em Barcelona, Espanha. Com todos estes acontecimentos ligados ao disco ARISE o SEPULTURA firmou seu nome mundo a fora.

CHAOS A.D. (93) foi um dos passos mais importantes da história da banda. O SEPULTURA optou por um lado musical nunca antes explorado, misturando seu som brutal com elementos de música popular e com isto definiram a linha musical de vanguarda que se tornou sua marca registrada.

O lançamento do CHAOS A.D. foi em grande estilo, em um castelo medieval na Inglaterra e com a presença de boa parte da imprensa mundial. O SEPULTURA foi capa de muitas revistas por todo o mundo. Nesta turnê a banda foi até Israel gravar o clipe da música 'Territory', também lançada como single. Este vídeo foi eleito o melhor Vídeo Clipe do ano pela MTV Brasil, que levou a banda á Los Angeles para receber o astronauta de prata.

Outros clipes/singles tirados deste álbum foram 'Refuse/Resist' e 'Slave New World', e o home-vídeo 'Third World Chaos'.

Nesta turnê o SEPULTURA foi a primeira banda de Metal da América Latina a se apresentar no famoso e tradicional festival "Monsters of Rock", no Donington Park, Inglaterra. E também a primeira banda do Brasil a tocar na Rússia.

De volta á terra natal a banda foi convidada a tocar no festival 'Hollywood Rock' só após um abaixo-assinado feito pelo fã clube oficial brasileiro. Isso devido ao boicote por parte dos organizadores do evento, amedrontados com triste incidente em SP anos atrás.

Outro momento que deve ser registrado é o projeto paralelo de Max e Alex Newport, NAILBOMB, que teve o suporte de Andreas, Igor e Dino Cazares. A dupla lançou um disco, POINT BLANK, e se apresentou no 'Dynamo Open Air'. O que resultou no Disco ao Vivo PROUD TO COMMIT COMMERCIAL SUICIDE, virando algo culto entre os fãs da banda.

O SEPULTURA continuava fazendo suas incansáveis turnês pelo mundo, só que o ambiente interno era de desgaste. A banda foi convidada para se apresentar nos maiores festivais europeus, e novamente no 'Monsters of Rock' como uma das principais atrações. Porém o destino impediu Max de se apresentasse no festival, já que o grande amigo da banda, filho da empresária e afilhado do vocalista (Dana Wells) havia falecido. E em uma das mais importantes apresentações da carreira da banda o SEPULTURA estava como um trio. Neste dia contaram com a ajuda de diversos amigos para conseguir fazer o show, pois a notícia havia sido um grande choque para todos.

O público presente entendeu a situação e fez um minuto de silêncio a pedido da banda, uma cena que dificilmente se repetirá com tamanha multidão.

Após um breve luto, o SEPULTURA precisou voltar a estrada, pois haviam muitos compromissos agendados. A banda estava no topo da pirâmide e o respeito e admiração que desfrutavam era fora do comum. Infelizmente os constantes desentendimentos com sua empresária Glória, que é esposa do Max, fizeram a banda chegar numa encruzilhada, e a Sepultribo se separou. Andreas, Igor e Paulo tinham a convicção de que a empresária já não estava mais os representando do jeito que deveria e comunicaram sua decisão de não renovar seu contrato de trabalho. Havia a opção de que ela continuar a

cuidar dos interesses de Max. Ele não aceitou a decisão dos companheiros e abandonou o SEPULTURA, achando estar sendo injustiçado. A partir de então as trevas caíram sobre o SEPULTURA e o futuro era incerto.

Com o tempo a banda acostumou-se á nova situação imposta. Sabia que não iria parar o trabalho de uma vida toda dessa forma e tampouco podiam deixar seus fãs órfãos. O SEPULTURA é mais que entretenimento, é uma ideologia. E assim que puderam começaram a escrever seu próximo álbum, como um trio. Max formou sua própria banda (SOULFLY).

Igor, Paulo e Andreas passaram a escrever de uma nova forma. Agora o baixo ganhou uma importância ainda maior, como base das músicas. Andreas assumiu os vocais, mas nunca havia cantado antes e não se sentiu á vontade no posto. Decidiram encontrar um novo vocalista para o SEPULTURA.

As fitas de demonstração chegaram em grande quantidade aos escritórios da RoadRunner, e o processo de seleção não foi fácil. Um pequeno grupo de finalistas foi selecionado, e os candidatos receberam uma fita com músicas nas quais deveriam trabalhar (inclusive escrevendo letras) antes de encontrarem a banda para os testes. Os testes finais aconteceram no Brasil, porque para fazer parte do SEPULTURA é imprescindível gostar do país e se identificar com a cultura local. Também foi levado em conta a integração e a afeição entre o grupo.

pesar de feito vários shows com suas antigas bandas, o Derrick nunca havia se apresentado para um público tão fiel, exigente e numeroso como os fãs brasileiros do SEPULTURA. Para tanto a banda ensaiou tocando em uma casa de shows pequena em Los Angeles (Brick by Brick), usando o nome 'TROOPS OF DOOM'.

O BARULHO CONTRA FOME foi um grande sucesso, que os 30.000 fãs presentes lembrarão para sempre. Convidados muito especiais tocaram aquele dia. Mike Patton veio da Itália para o show. Jason Newsted veio dos Estado Unidos. E os índios Xavantes enfrentaram a selva de pedra da metrópole. Carlinhos Brown veio da Bahia. Jairo Guedez matou as saudades da ex - banda, e o lendário Zé do Caixão abençoou a banda. A crítica e a empolgada audiência receberam calorosamente o Derrick na Sepultribo.

Saíram do AGAINST os singles 'TRIBUS', 'AGAINST' e 'CHOKE' (este último ganhou um vídeo

clipe gravado durante o BARULHO CONTRA FOME). A turnê rodou o mundo todo e foi bem sucedida. O SEPULTURA tocou pela primeira vez com os gigantes do metal SLAYER, pondo fim ao mito sem fundamentos de que as bandas não se davam bem. E para a alegria dos fãs brazucas de longa data fizeram uma turnê nacional, após anos de espera.

Finda a turnê os quatro músicos estavam ansiosos para começar a trabalhar o próximo disco. A época do AGAINST será sempre lembrada como o oxigênio da carreira do SEPULTURA, inspirado quando mais precisaram e que lhes deu força para construir toda uma Nação.

NATION (2001) é um álbum que já nasce vitorioso e brilhante, inclusive como disco de ouro. Andreas, Paulo, Derrick e Igor criaram um lugar utópico, para as pessoas que importam: fãs, amigos e famílias. A letra de 'SEPULNATION' é auto-explicativa, a música do SEPULTURA é sua arma, e eles a usam com destreza.

Graças á ajuda da vasta Sepultribo na Internet, a banda foi convidada para tocar na terceira edição do Rock in Rio. Lá o NATION foi apresentado á multidão de 150.000 pessoas, não havia um ser que não estivesse empolgado naquela memorável noite de janeiro (apesar de alguns veículos da imprensa nacional ainda não aprenderem a respeitar um dos maiores fenômenos da música brasileira, o mundo viu com certeza o poder de fogo que os espera). Entraram no palco ao som do hino 'VALTIO', feito com a colaboração dos músicos finlandeses do APOCALYPTICA.

Também colaboraram na Nação os músicos Jello Biafra e Dr. Israel, e quota pensamentos de gente brilhante (Madre Teresa de Calcutá, Albert Einstein, Gandhi e o 14o Dalai Lama).

O disco mostra um SEPULTURA maduro, cicatrizado e consciente. Resultado da estabilidade proporcionada por Derrick, que participou ativamente na composição do álbum. Seu crescimento na banda é explícito.

A Nação SEPULTURA já está sendo erguida!

Bibliografia:

livros e artigos acadêmicos:

Barcinski, A.

Sepultura: Toda a História. Sao Paulo Ed. 34, 1999.

Avelar, I.

De Milton ao Metal: politica e musica em Minas. Anais do V Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, IASPM-LA
:http://www.unirio.br/mpb/iaspmla2004/Anais2004/IdelberAvelar.pdf

Essinger, S.

Rock Brasil 2 — 1985-2000 : O som jovem entra em sua era industrial.

http://www.cliquemusic.com.br/br/generos/generos.asp?nu_materia=31

matérias e entrevistas sobre o Angra

Godinho. B.

Cem por cento, In: Guitar Class, n. 21, ano 2. Sao Paulo: Ed. Trama, outubro de 2002

Tadeu, R.

Angra: Conquistando o Mundo, In:Cover Guitarra ano 4, n. 46. Sao Paulo: Ed. Jazz Music, 1997.

Loureiro, K.

Metodo de guitarra para iniciantes III, In: Cover Guitarra, ano n. 36. Sao Paulo: Ed. Jazz Music, 1997.

materias e entrevistas sobre o Sepultura:

Tadeu, R.

Andreas Kisser: furia, guoitarras e cervejas, In:Cover Guitarra ano 4, n. 39 Sao Paulo: Ed. Jazz Music, 1997.

Tadeu, R.

Andreas Kisser e Max Cavalera: Caminhos diferentes, In: Cover Guitarra ano 2, n.15 São Paulo:
Ed. Jazz Music, 1995.

sites consultados:

sobre Chico Science e Nação Zumbi:

<http://www.cliquemusic.com.br/artistas/chico-science.asp>

<http://www.cliquemusic.com.br/artistas/nacao-zumbi.asp>

Essinger, S.

Mangue Beat: O pop da parabólica enfiada na lama.

http://www.cliquemusic.com.br/br/generos/Generos.asp?Nu_Materia=13

sobre Raimundos:

<http://www.cliquemusic.com.br/artistas/raimundos.asp>

Ribeiro, R.

Biografia e Informações- Raimundos. <http://whiplash.net/bandaslist.mv?cod=raimundos>

sobre Angra:

www.angra.net

http://whiplash.net/reviews_por_artista.mv?cod=angra

sobre Sepultura:

www.sepultura.com.br

www.sepultribe.com

www.valhalla.com.br

http://whiplash.net/reviews_por_artista.mv?cod=sepultura